

APRESENTAÇÃO



O conceito de imaginário está ligado à dinâmica de representações intelectuais dicotômicas, tais como real/imaginário, razão/imaginação, objetividade/subjetividade. No campo da antropologia do imaginário, Gilbert Durand articula, a partir da publicação de *Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Introduction à l'archétypologie générale* (1960), a obra de Gaston Bachelard com a de outros pesquisadores franceses voltados à pesquisa sobre mito e símbolos, e funda o primeiro centro de pesquisas sobre o imaginário na Université de Savoie, em Chambéry, onde reúne um grande acervo de obras relativas à imaginação simbólica. Posteriormente, transfere-se para a Université Stendhal – Grenoble III – e, em 1966, organiza o segundo centro de pesquisas sobre o imaginário, reunindo um grupo de estudiosos de diferentes áreas das ciências humanas. Essas iniciativas multiplicam-se no território francês e estendem-se para outros países da Europa, que passam a fundar centros interdisciplinares de pesquisa sobre a imaginação simbólica. Conforme informa Durand, o *Centre de recherche sur l'imaginaire*, de Grenoble, é o embrião de cerca de quarenta e três centros de pesquisa sobre o imaginário, que, em 1982, se reúnem na Associação de Pesquisa Coordenada (*Groupement de Recherche Coordinée – G.RE.CO*) [...] no C.N.R.S (*Centre National de la Recherche Scientifique na França*).¹

São relevantes, na base do pensamento de Durand, duas fontes: a Escola de Eranos e a obra de Gaston Bachelard. De tendência gnóstico-científica, a Escola de Eranos, fundada em 1933, com a participação de C. G. Jung, favorece sobremaneira o desenvolvimento de investigações interdisciplinares sobre o homem, superando a não-comunicação entre as ciências sociais e enfrentando o positivismo agnóstico da ciência ocidental. O conhecimento chamado “gnóstico” persegue a captação do “sentido” que não emerge do puro *logos* (na sua reflexão racional e objetiva), mas do nível mais profundo do *mythos*, da experiência vivida. É de salientar que o autor dialoga com as áreas da psicologia piagetiana e da psicologia analítica de C. G. Jung, bem como com a Filosofia e a Sociologia. Mas, para ele, é Bachelard quem abre as portas para o estudo do imaginário, reconhecendo

e valorizando o poder da imaginação, considerada como a faculdade de “deformar” imagens fornecidas pela percepção e, sobretudo, a *faculdade de nos liberar das imagens primeiras, de substituir imagens*.² O filósofo da fenomenologia da imaginação³ valoriza a potência poética da imagem, que emerge do inconsciente coletivo, constituindo-se ao mesmo tempo como pensamento e linguagem.

Bachelard e Durand põem em evidência a dimensão simbólica da imagem e o dinamismo organizador da imaginação. O imaginário ultrapassa o campo exclusivo das representações sensíveis. Compreende, ao mesmo tempo, as imagens percebidas (e inevitavelmente adaptadas, pois não existe uma imagem idêntica ao objeto), as imagens elaboradas e as ideias abstratas estruturando essas imagens.

Os estudos sobre o imaginário caracterizam-se por sua constituição interdisciplinar. Teorias e métodos antropológicos, filosóficos, sociológicos, psicológicos, literários desenvolveram-se a partir do diálogo com as obras de G. Dumézil, E. Cassirer, C. G. Jung, Roger Caillois, Henry Corbin, Claude Lévi-Strauss, Gaston Bachelard, Paul Ricœur. Essas reflexões têm continuidade e encontram métodos de abordagem no estruturalismo figurativo de Gilbert Durand e, no campo específico da literatura, em pesquisas desenvolvidas por Charles Mauron, Georges Poulet, Pierre Albouy, Jean-Pierre Richard, Simone Vierre, entre outros. Trata-se de uma reflexão que parte dos estudos do sentido de uma hermenêutica das imagens, dos símbolos e dos mitos de uma obra no imaginário de uma cultura, de uma época ou de um criador, que podem ser examinados e sistematizados por dois métodos críticos: a mitocrítica e a mitanálise.

A mitocrítica, tal como a concebe Durand, é um método que se funda na análise dos procedimentos simbó-

¹ DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de René Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998. p. 62. Obs.: Hoje a Associação G.RE.CO não atua mais.

² Cf. BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes: essai sur l'imagination du mouvement*. Paris: José Corti, 1987. p. 7. (traduzimos)

³ Cf. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: *A filosofia do não. O novo espírito científico. A poética do espaço*. São Paulo: Abril, 1978. (Os pensadores)

licos (representações, símbolos, mitos...) como elementos determinantes da criação artística. Ela pretende revelar o dinamismo interno das grandes imagens que se organizam nas criações artísticas, análise decomposta em três tempos: destaque dos temas redundantes que constituem as sincronicidades míticas de uma obra; análise das situações e combinatórias de personagens e ambientes; apreensão dos ensinamentos do mito e correlações com outros mitos de determinada época cultural. Da mitocrítica, que pretende ser uma síntese interdisciplinar e construtiva de diversas críticas que se afrontaram esterilmente até agora, o teórico chega à mitanálise, que visa destacar, a partir de um conjunto de obras artísticas de um dado período, as atitudes sócio-histórico-culturais da época. Através da mitanálise, identificam-se os grandes mitos diretores de momentos históricos e de tipos de grupos e relações sociais.

No âmbito da literatura, essa vertente crítica e seus pressupostos ampliam o sentido dos textos literários, enfocados como produtos da cultura que se entrelaçam à história dos homens, revelando, através da interpretação das imagens e relações entre imagens, plurissignificação textual e a sua “atualização” em cada ato de leitura, momento em que o imaginário do autor entrelaça-se ao do leitor e o de ambos a outros momentos da cultura em que se manifestou o imaginário de outros homens. Tal perspectiva abre grandes possibilidades de estudos na área da Literatura Comparada, estimula os alunos a empreenderem investigações nos demais âmbitos das ciências humanas, podendo chegar à compreensão do que entende (e preconiza) Gilbert Durand por “Ciência do Homem”.

No final do século XX, de acordo com a abordagem de Durand, as ciências exatas e as humanas compreenderam que a apropriação do saber não pode mais ser segmentada em frações que não dialogam entre si, de forma que os pensadores de maior expressão na área das ciências humanas do nosso século (como M. Foucault,

G. Bachelard, Castoriadis, P. Ricœur, E. Morin, entre tantos outros), independentemente de suas perspectivas teóricas, procuraram e têm procurado refletir sobre os fenômenos sociais sob vários ângulos, levando à compreensão de que a fragmentação, a atomização do conhecimento é um caminho que pode levar a falsas conclusões, ditas “científicas”, mas na verdade limitadoras da compreensão das culturas.

Ultrapassando, inclusive, a dicotomia “ciências humanas/ciências exatas”, Gilbert Durant observa (em conferências e, mais precisamente, no livro *Introduction à la mythodologie: mythes et sociétés*⁴) que já se pode agora falar de uma “Ciência do Homem” que, enfim, unifica os diferentes horizontes do saber (medicina, anatomia, fisiologia, psiquiatria, psicanálise, etnologia, sociologia, história – notadamente –, história das religiões, filologia, etc.). Esses saberes encontram-se agora focalizados sobre a descoberta e valorização *do poder das imagens e da realidade (a ‘real presença’, como escreveria nos nossos dias G. Steiner) dos símbolos*.⁵ Desse modo, um novo horizonte epistemológico vem-se abrindo, com a reunião dessas diferentes áreas das ciências humanas, e lentamente substituindo as reduções psicanalíticas ortodoxas, os fatores dominantes da sociologia clássica, o historicismo.

O Núcleo de Estudos sobre Imaginário e Literatura do PPGL da PUCRS, coordenado por Ana Maria Lisboa de Mello, existe desde 2008 e já realizou jornadas e cursos de extensão sobre teorias e estudos nesse campo de investigação. Este número de *Letras de Hoje* conta com a colaboração de pesquisadores brasileiros e portugueses que desenvolvem pesquisas interdisciplinares no âmbito do imaginário, sendo que alguns destes ensaios foram apresentados em eventos comemorativos do Ano da França no Brasil.

Ana Maria Lisboa de Mello
Organizadora

⁴ DURAND, Gilbert. *Introduction à la mythodologie: mythes et sociétés*. Paris: Albin Michel, 2000. p. 31.

⁵ Id. *ibid.* p. 31